

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 079/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 27/03/2025



O Presidente foi recebido pelo Príncipe Saud bin Mishaal bin Abdulaziz, vice-governador da região de Meca.

O presidente do Chade Mahamat Idriss Deby Itno foi recentemente recebido pelo Príncipe Saud bin Mishaal bin Abdulaziz, Vice-governador da região de Meca, em sua chegada ao Aeroporto Internacional Rei Abdulaziz, em Jeddah. O prefeito de Jeddah, Saleh Al-Turki, e o embaixador do Chade no Reino, Hassan Saleh Al-Qadam Al-Junaidi, estavam entre as autoridades presentes. **Fonte-Arab News.**

Presidente das Comores realiza Umrah

O presidente das Comores, Azali Assoumani, realizou ontem a Umrah na Grande Mesquita de Meca. Ele chegou ao Reino na passada terça-feira, pousando no Aeroporto Internacional Príncipe Mohammad bin Abdulaziz, em Medina. Em Medina, o presidente visitou e orou na Mesquita do Profeta. **Fonte-Arab News.**

Adoradores lotam mesquitas sagradas para a 27ª noite do Ramadão



Em um novo recorde, a Grande Mesquita recebeu ontem a noite mais de 4 milhões e 200 mil fiéis;

Milhões de muçulmanos de todo o mundo se reuniram na Grande Mesquita de Meca e na Mesquita do Profeta em Medina para a 27ª noite do Ramadão, onde realizaram as orações do Tarawih e do Tahajjud. Em um novo recorde, a Grande Mesquita recebeu mais de 4,2 milhões de fiéis na noite de ontem, de acordo com Al-Ekhbariya. Os adoradores buscavam Laylat Al-Qadr (A Noite do Poder), uma das noites mais importantes do Islão e é, como afirmado no Alcorão, melhor do que mil meses.

Laylat Al-Qadr cai nos últimos 10 dias do Ramadão, mas sua data exata permanece desconhecida, no entanto, é amplamente considerada como caindo no dia 27 do Ramadão. Os muslims também são encorajados a procurar esta noite durante as noites ímpares dos últimos 10 dias. Os planos operacionais na passada quarta-feira incluíam a preparação da Mataf (Área de Circumambulação) para acomodar 107.000 peregrinos por hora, garantindo um movimento suave dentro da Grande Mesquita.

As autoridades também equiparam 428 escadas rolantes e 28 elevadores e modernos sistemas de áudio, incluindo 1.300 alto-falantes, além de fornecer fontes de energia com capacidade de até 90.000 toneladas para resfriar a Grande Mesquita. O Departamento de Assuntos de Saúde da região de Meca aumentou seus serviços por meio de centros médicos localizados dentro da Grande Mesquita e seus pátios para fornecer serviços médicos aos peregrinos. **Fonte-Arab News.**

EUA pedem ao presidente do Sudão do Sul que liberte o vice-presidente Machar, que supostamente está em prisão domiciliar



O vice-presidente do Sudão do Sul, Riek Machar, está detido em sua casa com a esposa e dois guarda-costas, disse um alto funcionário em um comunicado.

Os Estados Unidos pediram hoje ao presidente do Sudão do Sul, Salva Kiir, que liberte seu rival, o primeiro vice-presidente Riek Machar, que supostamente estava em prisão domiciliar, dizendo que era hora de os líderes do país demonstrarem seu compromisso com a paz. O partido SPLM-IO de Machar disse ontem que o ministro da Defesa e o chefe da segurança nacional "entraram à força" na residência de Machar e entregaram um mandado de prisão.

Machar estava detido em sua casa com sua esposa e dois guarda-costas, acusado de estar envolvido em combates entre os militares e o Exército Branco em Nasir, no Estado do Alto Nilo, neste mês, disse Reath Muoch Tang, um alto funcionário do SPLM-IO, em um comunicado. "Estamos preocupados com os relatos de que o primeiro vice-presidente do Sudão do Sul, Machar, está em prisão domiciliar", escreveu o Bureau de Assuntos Africanos de Washington no X. "Instamos o presidente Kiir a reverter esta ação e evitar uma maior escalada da situação." Sob um acordo de paz que encerrou uma guerra civil de 2013-2018 entre forças leais a Machar de um lado e Kiir do outro, o Sudão do Sul tem cinco vice-presidentes. O rival de longa data de Kiir e líder da oposição, Machar, está actualmente servindo como primeiro vice-presidente.

As Nações Unidas alertaram que os recentes confrontos em Nasir entre o exército e o Exército Branco, uma milícia com laços históricos com Machar, e um aumento no discurso de ódio podem reacender em linhas étnicas a guerra civil que terminou em 2018. "É hora de os líderes do Sudão do Sul demonstrarem sinceridade dos compromissos declarados com a paz", escreveu o Bureau de Assuntos Africanos de Washington no X. **Fonte-Reuters.**

Egipto assina acordo com a International Finance Corp. para expandir o papel do sector privado nos aeroportos



O primeiro-ministro Mostafa Madbouly supervisionou a cerimônia de assinatura.

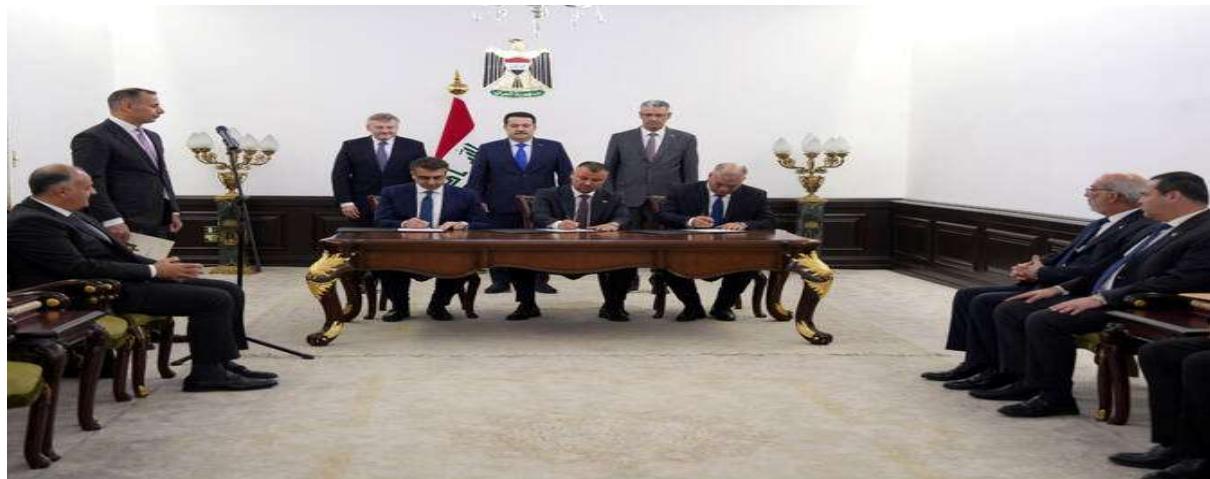
O sector aeroportuário do Egipto está pronto para aumentar a participação do sector privado graças a um novo acordo com a International Finance Corp., que visa modernizar a infraestrutura, aumentar a capacidade e atrair investimentos estrangeiros.

O primeiro-ministro Mostafa Madbouly supervisionou a cerimônia de assinatura na nova capital administrativa do governo, onde a ministra do Planejamento do Egipto, Rania Al-Mashat, o ministro da Aviação Civil, Sameh Al-Hefny, e o vice-presidente da IFC para a África, Sergio Pimenta, formalizaram o acordo, que se baseia na parceria contínua do Egipto com o braço do sector privado do Banco Mundial, estendendo os serviços de consultoria que apoiam os esforços de privatização do país.

"O acordo assinado hoje ... é uma extensão para fortalecer a cooperação com a International Financing Corp. para fornecer serviços de consultoria para o programa de propostas governamentais", disse Madbouly em um comunicado postado na página oficial do governo no Facebook.

Ele acrescentou que a IFC "fornecerá serviços de consultoria para expandir a participação do sector privado ao sector aeroportuário" no mercado egípcio. "Esta é uma parceria importante que contribuirá para a melhoria dos serviços prestados e da capacidade dos aeroportos egípcios", acrescentou Madbouly. O acordo está alinhado com a estratégia mais ampla do Egipto para alavancar a experiência da IFC na atração de investimentos locais e estrangeiros, fornecendo suporte técnico a agências nacionais e promovendo parcerias público-privadas, destacou o primeiro-ministro. **Fonte-Arab News.**

Iraque dá luz verde final à Petrolífera Britânica para reconstruir campos petrolíferos



O primeiro-ministro iraquiano Mohammed Shia al-Sudani (atrás-C) participa da assinatura do contrato de desenvolvimento do campo petrolífero de Kirkuk com a British Petroleum (BP) na presença do ministro do Petróleo do Iraque, Hayan Abdul-Ghani (CR) e do CEO da BP, Murray Auchincloss (CR) em Bagdá em 26 de março de 2025.

A BP recebeu a aprovação final do governo para a reconstrução dos gigantescos campos de petróleo de Kirkuk, no Iraque, com um plano inicial de produzir 3 bilhões de barris de óleo equivalente, informou ontem a empresa. O projecto é um avanço para o Iraque, onde a produção foi limitada por anos de guerra, corrupção e tensões sectárias, e uma pedra angular do esforço da BP para se concentrar novamente em seus negócios de petróleo e gás e longe das energias renováveis.

A assinatura na passada terça-feira de um acordo final sobre o projecto entre o CEO da BP, Murray Auchincloss, e o primeiro-ministro do Iraque, Mohammed Shia Al-Sudani, segue um acordo inicial assinado no mês passado e um memorando de entendimento no ano passado.

A BP disse que sua remuneração estará vinculada a volumes incrementais de produção, preço e custos, e que a empresa poderá registrar uma parcela da produção e reservas "proporcionais às taxas que ganha para ajudar a aumentar a produção".

A primeira fase do redesenvolvimento dos campos de Kirkuk, que a BP ajudou a descobrir pela primeira vez na década de 1920, cobrirá suas cúpulas de Baba e Avanah e três campos adjacentes Bai Hassan, Jambur e Khabbaz, disse a BP. Um novo operador será criado, incluindo funcionários da North Oil Company (NOC) e da North Gas Company (NGC) do Iraque, bem como pessoas destacadas da BP. **Fonte-Reuters.**

[Israel e Hamas trocam ameaças enquanto novo número de mortos em Gaza chega a 830](#)



Uma mulher chora pelo corpo de seu parente, vítima ontem do bombardeio implacável de Israel, no Hospital Árabe Al-Ahli, na cidade de Gaza.

Israel e o Hamas trocaram ameaças ontem, quando o número de palestinos mortos em oito dias de novos ataques aéreos e acções militares em Gaza subiu para 830.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse que Israel tomará faixas do enclave se o Hamas não libertar reféns, enquanto o grupo militante alertou que voltará "em caixões" se Israel não parar o bombardeio. Pouco mais de uma semana desde o início do novo ataque, Israel disse que dois projéctéis foram disparados de Gaza, com um interceptado e o outro caindo perto da fronteira. O lançamento de foguetes ocorreu um dia depois que centenas de palestinos em Gaza realizaram um raro protesto contra o Hamas, cantando slogans contra o grupo e pedindo o fim da guerra.

Netanyahu disse ao Knesset: "Quanto mais o Hamas persistir em sua recusa em libertar nossos reféns, mais forte será a pressão que exerceremos. Isso inclui a tomada de território." O Hamas disse que estava tentando manter os reféns vivos, mas a acção militar de Israel colocou suas vidas em perigo. "Toda vez que a ocupação tenta recuperar seus cativos à força, acaba trazendo-os de volta em caixões", disse o grupo. Enquanto isso, imagens de vídeo surgiram ontem de centenas de manifestantes palestinos marchando em Beit Lahiya, no norte de Gaza, para exigir o fim da guerra, gritando "Fora, fora, fora, Hamas, saia".

"Foi uma manifestação espontânea contra a guerra porque as pessoas estão cansadas e não têm para onde ir", disse uma testemunha. "Muitos gritavam slogans contra o Hamas, não todas as pessoas, mas muitos... As pessoas estão exaustas e ninguém deve culpá-las." O alto funcionário do Hamas, Basem Naim, disse que as pessoas têm o direito de protestar, mas denunciou o que ele disse serem "agendas políticas suspeitas" que exploraram o sofrimento causado pela guerra.

Os deslocados

"Em apenas uma semana, 142.000 pessoas foram deslocadas", disse o porta-voz do secretário-geral António Guterres, apontando que cerca de 90% da população de Gaza foi deslocada pelo menos uma vez entre o início da guerra em 7 de outubro de 2023 e janeiro deste ano. **Fonte-Reuters.**

Kosovo diz que o Quênia se juntou a países que o reconhecem



Vjosa Osmani, Presidente do Kosovo.

A presidente do Kosovo, Vjosa Osmani, disse ontem que o Quênia se tornou a mais recente nação a reconhecer o Kosovo como um país independente e se comprometeu a abrir laços diplomáticos.

"Kosovo continua avançando em seu caminho de integração e fortalecendo sua posição internacional", disse Osmani em sua conta no Facebook. Em seu post, ela publicou uma proclamação que disse ser do presidente do Quênia, William Ruto, que falava do direito do Kosovo à autodeterminação e incluía uma declaração que dizia que "esse reconhecimento se estenderá ao estabelecimento de relações diplomáticas". O Ministério das Relações Exteriores da Sérvia "condenou veementemente" a decisão do Quênia de reconhecer "a independência declarada unilateralmente do chamado 'Kosovo'". "Tal movimento constitui uma violação grosseira do direito internacional e uma violação directa da Resolução 1244 do Conselho de Segurança das Nações Unidas", disse o ministério em um comunicado.

Kosovo declarou independência da Sérvia em 2008 após uma guerra no final dos anos 1990 entre forças sérvias e insurgentes de etnia albanesa no que era então uma província sérvia separatista. Enquanto os Estados Unidos, muitas nações europeias e outros países reconhecem Kosovo como independente, a Sérvia e dois de seus aliados mais poderosos - Rússia e China - não. A Sérvia diz que persuadiu alguns países a retirar o reconhecimento, mas Kosovo nega isso e insiste que mais de 100 países o façam. **Fonte-Reuters.**

A abordagem pragmática da Arábia Saudita ao transacionalismo dos EUA



ADRIAN MONCK

26 de março de 2025



Autoridades russas se reuniram com seus colegas americanos no Ritz-Carlton de Riade esta semana.

Nas discretas salas de reuniões privadas do Ritz-Carlton de Riade, longe do carpete ornamentado e da decoração intrincada dos espaços públicos do hotel, uma extraordinária dança diplomática aconteceu esta semana. Autoridades russas se reuniram com seus colegas americanos, após discussões entre delegações americanas e ucranianas.

Essas negociações, focadas em um possível cessar-fogo limitado na Ucrânia e na segurança marítima no Mar Negro, não ocorreram em Genebra ou Viena, mas na Arábia Saudita. Isso não é diplomacia como de costume; é o culminar de uma estratégia saudita cuidadosamente orquestrada para transformar o Reino de actor regional em potência diplomática global.

Para entender como, veja a entrevista notavelmente nua e crua de Steve Witkoff com Tucker Carlson, que ofereceu algo raramente visto nos círculos diplomáticos: honestidade brutal. "Trump põe a mesa para todos nós", declarou Witkoff com franqueza. O subtexto não poderia ser mais claro - o poder dos Estados Unidos está sendo redistribuído com força total e todas as nações, incluindo a Arábia Saudita, devem se recalibrar de acordo.

Longe vão as palestras sobre direitos humanos colocadas discretamente nas pastas diplomáticas. Em seu lugar: transacionalismo nu e cru focado em interesses mútuos, integração econômica e segurança rígida. Para os estados

acostumados com a ginástica retórica muitas vezes tortuosa de Washington, isso representa uma proposta directa e refrescante: definir objectivos com clareza, negociar com força, mas - crucialmente - reconhecer que accordos sustentáveis exigem benefício mútuo.

O que os governos anteriores não conseguiram entender, este parece reconhecer, embora apenas parcialmente: a posição da Arábia Saudita sobre a normalização com Israel não é negociável sem abordar os direitos palestinos. "Sem dúvida, (a paz em Gaza) é uma condição precedente para a normalização saudita", admitiu Witkoff, mas isso subestima dramaticamente a posição real do Reino.

A Arábia Saudita deixou bem claro que uma solução abrangente de dois Estados - não apenas um cessar-fogo temporário em Gaza - continua sendo o pré-requisito absoluto para a normalização. Isso representa o desalinhamamento fundamental na visão de Witkoff.

Sua formulação de paz centrada em Gaza ("Imagine se o Líbano normalizar, a Síria normalizar e os sauditas assinarem um tratado de normalização com Israel porque há paz em Gaza") falha em reconhecer as mudanças estruturais mais profundas necessárias para uma transformação regional genuína.

Para que qualquer processo de normalização seja bem-sucedido, os líderes americanos e israelenses devem assumir sua responsabilidade aceitando e implementando formalmente uma solução viável de dois Estados. Mais crucialmente, Washington deve fornecer garantias substantivas de que Israel cumprirá tais arranjos - não apenas em princípio, mas na prática.

Sem esse compromisso fundamental apoiado por mecanismos de aplicação significativos, a participação da Arábia Saudita continua sendo uma fantasia diplomática, e não um resultado alcançável.

Talvez o aspecto mais intrigante das revelações de Witkoff tenha sido sua avaliação do potencial econômico do Golfo: "A costa do Golfo pode ser uma das oportunidades mais subestimadas se conseguirmos paz e estabilidade em toda a região ... Pode ser muito maior do que a Europa."

Isso não é mera retórica imobiliária. À medida que a Arábia Saudita avança com sua Visão 2030, a integração regional oferece benefícios exponenciais além do que qualquer nação pode alcançar sozinha. Witkoff destacou especificamente como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Qatar já estão se posicionando na vanguarda dos sectores de tecnologia, incluindo inteligência artificial e blockchain.

O que falta não é talento ou capital - é estabilidade regional fundada na justiça. Aqui está o prêmio que vale a pena perseguir, mas não a qualquer custo.

Uma observação particularmente perspicaz? A lógica econômica por trás dos tratados de segurança: "Todo mundo pensa que o tratado de paz é sobre defesa física. O que realmente importa é que os Estados Unidos forneçam um invólucro de segurança para que todos sejam financiáveis hoje.

Essa perspectiva deve ressoar com os estrategistas financeiros sauditas. Sem estruturas de segurança robustas baseadas em soluções políticas sustentáveis, as instituições financeiras devem "subscrever o risco de guerra" – tornando o capital mais caro e restringindo o desenvolvimento econômico.

Para o Reino, cuja Visão 2030 busca envolver investidores globais, isso oferece um argumento financeiro convincente para arranjos de segurança regional genuínos e baseados na justiça que transcendem as preocupações tradicionais de defesa. Quando o capital se torna mais barato e acessível, a transformação se acelera – mas isso não pode ocorrer às custas dos direitos palestinos.

"Nessa região, você tem uma liderança jovem", observou Witkoff. "Pessoas que não têm as velhas sensibilidades, pessoas que querem fazer negócios."

Essa mudança geracional cria um momento histórico único. O novo grupo de líderes entende que a prosperidade econômica, em última análise, oferece mais benefícios do que o entrincheiramento ideológico - mas eles permanecem firmemente comprometidos com os princípios fundamentais da justiça regional.

O que os formuladores de políticas sauditas devem fazer com tudo isso? Três considerações se destacam.

Primeiro, parece haver um entendimento parcial em Washington de que a paz é um pré-requisito para a normalização saudita com Israel. No entanto, o enquadramento de Witkoff focado em Gaza sugere uma leitura errônea fundamental dos requisitos sauditas. O Reino exige uma solução abrangente de dois Estados, não apenas um cessar-fogo em Gaza.

Segundo, os benefícios econômicos da estabilidade regional vão muito além do investimento directo dos EUA. O "invólucro de segurança" que permite financiamento de baixo custo pode acelerar as iniciativas da Visão 2030 em todos os sectores – mas essa segurança deve ser baseada na justiça, não apenas no poder.

Terceiro, embora a abordagem transacional do governo ofereça benefícios potenciais, ela deve ser acompanhada por uma pressão americana significativa

sobre Israel para aceitar e implementar uma solução viável de dois Estados. Sem isso, nenhum incentivo econômico será suficiente.

A evolução diplomática do Reino estava em plena exibição esta semana. O facto de a Arábia Saudita agora servir como mediador em um conflito a milhares de quilômetros de suas fronteiras diz muito sobre sua crescente influência global.

Para a Arábia Saudita, posicionada no centro geográfico e estratégico de uma potencial transformação regional, a oportunidade é clara: envolver-se pragmaticamente com essa abordagem orientada para resultados, mantendo uma defesa firme e inegociável dos direitos palestinos por meio de uma solução viável de dois Estados.

O prêmio - um Médio Oriente transformado de zona de conflito em centro de inovação - continua tentadoramente possível. Como disse Witkoff: "Você pode imaginar todos esses países trabalhando juntos de forma colaborativa e criando esse tipo de mercado? Pode ser muito maior do que a Europa."

Essa visão se alinha notavelmente bem com as próprias ambições da Arábia Saudita – mas apenas se construída sobre bases de justiça e sustentabilidade. A posição saudita permanece clara e consistente: a normalização requer uma solução abrangente de dois Estados, com garantias americanas significativas de que Israel cumprirá. Sem isso, nenhum incentivo econômico será suficiente.

Adrian Monck é consultor sênior da Universidade de Inteligência Artificial Mohamed bin Zayed e autor do boletim informativo de geopolítica "Seven Things".

Isenção de responsabilidade: As opiniões expressas pelos escritores nesta sessão são próprias e não reflectem necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.